

## MESTRES ITALIANOS EM PORTUGAL

# O ENSINO DA GEOMETRIA EUCLIDIANA

Em uma nótula sôbre o problema do basalto, destinada ao terceiro volume dos *Estudos Italianos em Portugal* (1941) appareceu incidentalmente o nome do abade Brunelli, em que se acentuava uma ligeira divergência sôbre qual das escolas portuguesas em que teria exercido as funções do magistério; Inocência supunha-o a princípio, professor da Real Academia de Marinha <sup>(1)</sup>, e mais tarde, através do seu continuador <sup>(2)</sup>, como Giovanni Costanzo, do Real Colégio dos Nobres <sup>(3)</sup>. O funcionamento simultâneo das duas escolas no mesmo edifício <sup>(4)</sup> tornava natural que então, com mais forte razão de que actualmente, a regência dos cursos similares fôsse confiada aos mesmos indivíduos, tanto mais que, nesse tempo, eram bastante escassos, entre nós, os conhecimentos das ciências exactas; demonstram-no as dificuldades encontradas mais tarde para a organização inicial da Faculdade de Matemática.

Estas circunstâncias levaram o Marquês de Pombal, na criação dêste estabelecimento de ensino em Lisboa, pela lei de 7 de Março de 1761, a recorrer a mestres estrangeiros para se encarregarem de ministrar o ensino das matemáticas; lançou

<sup>(1)</sup> Inocência Francisco da Silva — *Dicionário bibliográfico português*, T. III — Lisboa 1859.

<sup>(2)</sup> Brito Aranha — *Dicionário bibliográfico português* — Estudos de Inocência Francisco da Silva, ampliados e continuados, T. X — Lisboa 1883.

<sup>(3)</sup> Costanzo (Giovanni) — *Un insigne fisico italiano del settecento in Portogallo* — in Petrus Nonius — Vol. II Fasc. 3 — Lisboa 1939.

<sup>(4)</sup> Esta simultaneidade de funcionamento só começou depois de, em 26 de Outubro de 1779, o governo ter ordenado à Mesa Censória que no edifício do Colégio dos Nobres mandasse pôr à disposição dos professores da Academia Real de Marinha, as aulas e demais casas que se pudessem dispensar para acomodação da referida Academia.

mão, entre outros, do abade João Angelo Brunelli, antigo professor destas ciências em Bolonha que tinha voltado, havia pouco tempo, com Miguel Ciera, matemático piemontez, da América meridional, onde, comissionados pelo governo português, foram proceder à demarcação topográfica dos limites das nossas possessões. A sua nomeação encontra-se registada a fôlhas 350 do livro 19 das Mercês do rei D. José, com a data de 8 de Outubro de 1756, existente no arquivo nacional da Torre do Tombo; integrado mais na Academia de Marinha, criada pela carta de lei de 5 de Agosto de 1779, com os seus colegas congêneres, considerada pelo decreto orgânico equivalente para todos os efeitos à faculdade Universitária para que eles foram transferidos; daí lhe adveio, sem dúvida, *de jure*, o seu grau académico <sup>(1)</sup>.

O remate da sua larga fôlha de serviços prestados ao ensino em Portugal é marcado pelo seguinte documento, obsequiosamente extraído do Códice n.º 388, fôlhas 3 — Documentos — do Arquivo Histórico Colonial:

«Tendo consideração ao bem que me tem servido, o Doutor João Angelo Brunelli, por espaço de quarenta e hum Annos, assim nas Incumbencias de que foi encarregado na America, como nesta Corte; regendo uma das Cadeiras de Mathematica da Real Academia de Marinha; comportando-se nas referidas occupaçoens, com distincto zelo, prestimo, e intelligencia: E representando-Me a impossibilidade em que se achava de continuar no exercicio da referida Cadeira, em razão das suas molestias, e avançada idade. Hey por bem fazer-lhe mercê, de o jubilar na mesma cadeira, com o mesmo ordenado que actualmente vence: E gozará de todos os Privilegios, acordados pelos Estatutos da sobredita Real Academia aos Lentes della, por êste Decreto somente, sem dependencia de outro algum Titulo. O Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos, Martinho de Mello e Castro, o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio de N. S. da Ajuda em 16 de Novembro de 1791. Com a Rubrica de Sua Mag.<sup>ª</sup>.»

A leitura das lições de geometria professadas no 1.º ano de matemática do Colégio dos Nobres, que servia de preparatório para o estudo da architectura e do desenho, era feita, por certo, pela versão latina dos *Elementos de Euclides*, devida a

<sup>(1)</sup> A relação dos doutores da Faculdade de Matemática, desde a sua criação, menciona em relação ao ano de 1772 apenas os nomes de Miguel Antonio Ciera e Miguel Franzini, antigos professores do Colégio dos Nobres e da Academia de Marinha que foram nomeados lentes.

Frederico Commandino; êste trabalho adicionado e ilustrado por Roberto Simson, professor de matemática na Academia de Glasgow, foi traduzido em língua portuguesa, por ordem do Marquês de Pombal, ainda conde de Oeiras, por nem todos os estudantes entenderem, com facilidade, a língua latina, pelo abade de Brunelli que, cortando-lhe tudo que representava erudição, o reduziu às proporções adequadas à proficuidade do ensino. A exposição integral desta determinação preventiva bastante interessante para a história do ensino da matemática em Portugal, antecede, a das doutrinas científicas na sua primeira edição (Lisboa, 1768); ficaria incompleta sem a do conhecimento das providências legislativas promulgadas simultaneamente.

\*  
\*      \*

II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
Sebastião José de Carvalho e Melo  
Conde de Oeiras  
Ministro e Secretário de Estado  
de  
S. Magestade Fidelissima

«Estes *Elementos de Euclides* traduzidos em lingua portuguesa para uso do Real Collegio dos Nobres, deviam necessariamente sair ao publico debaixo do respeitavel Nome de V. *Excellencia*: Para o que basta dizer que forão traduzidos do excellente livro de Roberto Simson; e que de V. *Excellencia* recebi a ordem para os traduzir. De mais, como este Real Collegio deve a V. *Excellencia* o seu mais firme estabelecimento parece que as produções que dele vão saindo se hão de tributar a V. *Excellencia*, para assim cumprirmos de alguma maneira com o que devemos; e para que os mais vejão quanto nos importa fazer publica ao Mundo a lembrança dos beneficios que de V. *Excellencia* temos recebido. Estes sam os motivos que me obrigão a oferecer a V. *Excellencia* este meu trabalho; e assim espero, que V. *Excellencia* se dignará de o proteger com o seu amparo.

De V. *Excellencia*  
O mais humilde criado  
João Angelo Brunelli».



A garantia da edição deste trabalho ao Colégio dos Nobres ficou assegurada pelo Alvará de 11 de Junho de 1768, dado no Palácio de N. Senhora da Ajuda, referendado pelo Conde de Oeiras, registado a fôlhas 162 do livro 2 que na Secretaria do Estado dos Negócios do Reino servia de registo aos Cargos, Alvarás e Patentes, com a data de 16 do mesmo mês e ano. Este estabelecimento de ensino tinha assim o privilégio exclusivo de «só ele poder imprimir e vender os *Elementos de Euclides*, traduzidos na língua Portuguesa da versão de Simson». Para acautelar a garantia deste privilégio foram estabelecidas penas cominatórias que podiam ir desde o dôbro do valor do exemplar apreendido pela primeira vez ao tresdôbro pela segunda, sendo a importância das multas aplicadas em benefício das despesas do Colégio; à terceira transgressão correspondia o degrêdo por cinco anos para Angola.

A carta de lei de 10 de Novembro de 1772 extinguiu todos os estudos matemáticos no Colégio dos Nobres, transferindo-os para a Universidade de Coimbra; o Marquês de Pombal oficiou então à Real Mesa Censória no 1.º de Dezembro imediato para que ordenasse ao reitor do mesmo Colégio «a entrega de tudo o que dizia respeito aos mesmos estudos». Os professores Miguel António Ciera e João António Dalla Bella nomeados para o corpo docente das faculdades universitárias, foram encarregados de, com todo o cuidado, fazer encaixotar e conduzir para Coimbra as máquinas e instrumentos de astronomia experimental respectivos.

As modificações do regime de estudos matemáticos do país, conseqüentes da reforma pombalina tornavam, sem a menor dúvida, insubsistentes, as providências legislativas precedentes; assim, o alvará de 16 de Dezembro de 1733, referendado pelo Marquês de Pombal, registado no livro da Providência literária da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino de 3 de Janeiro de 1774, transfere para a Universidade de Coimbra o privilégio exclusivo para as impressões dos livros clássicos dos Estudos Matemáticos, «por haver cessado o fim com que antes fôra concedido e doado ao Colégio Real dos Nobres». Este privilégio estendeu-se aos outros livros que houvessem de servir para os estudos matemáticos e pelos quais se devesse professar o ensino Universitário.

Os *Elementos de Euclides* foram adotados durante bastantes anos, para compêndio para o ensino da geometria da

Universidade de Coimbra <sup>(1)</sup>, com diversas edições, impressas na respectiva Imprensa, mas com o esquecimento imperdoável do nome do seu tradutor; as actas regulares das congregações da Faculdade de Matemática só em 1786 começaram a ser lançadas em livro próprio, nada se lhe encontrando, como afirma o Conselheiro Castro Freire, sobre os compêndios escolhidos provisoriamente pela Faculdade. Este professor tinha, no entanto, conhecimento por tradição, de ter sido adotado para o primeiro ano a *Geometria de Euclides*, registada, na devida altura, na extensa bibliografia matemática portuguesa, original ou traduzida, desde 1772 a 1872 <sup>(2)</sup>.

DR. ALFREDO A. DE OLIVEIRA MACHADO E COSTA

Professor Jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa

<sup>(1)</sup> Inocêncio Francisco da Silva — *Dicionário bibliográfico português* T. II — Lisboa 1869.

<sup>(2)</sup> Castro Freire (Conselheiro Francisco de) — *Memória histórica da Faculdade de Matemática* — Coimbra, 1872.